

Edição: 2025/2026**Data:** 26 de abril de 2025Duração da Prova: 2h
Tolerância: 15 min**Prova:** Português

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

Nas respostas, a qualidade da expressão escrita e da estruturação do discurso constitui critério de avaliação fundamental.

A resposta às questões deverá ser redigida com as regras do (Novo) Acordo Ortográfico de 1990.

GRUPO I

Leia, com atenção, a crónica que se segue de José Saramago:

Um azul para Marte

A noite passada fiz uma viagem a Marte. Passei lá dez anos (se a noite dura nos pólos seis meses, não sei por que não hão-de caber dez anos numa noite marciana) e tomei muitas notas a respeito da vida que lá se faz. Comprometi-me a não divulgar os segredos marcianos, mas vou faltar à minha palavra. Sou homem e desejo contribuir, na medida das minhas pequenas forças, para o progresso da humanidade a que me orgulho de pertencer. É muito importante este ponto. E espero, se algum dia me vierem pedir contas dos meus atos, isto é, do perjúrio¹ cometido, que os não sei quantos biliões de homens e mulheres que há na Terra tomem todas a minha defesa.

Em Marte, por exemplo, cada marciano é responsável por todos os marcianos. Não tenho a certeza de ter compreendido bem o que isto quer dizer, mas enquanto lá estive (e foram dez anos, repito), nunca vi um marciano encolher os ombros. (Devo esclarecer que os marcianos não têm ombros, mas o leitor está certamente a perceber a minha ideia.) Outra coisa que me agradou em Marte, é que não há guerras. Nunca houve. Não sei como se arranjam nem eles souberam explicar-mo, talvez porque eu não tenha sido capaz de lhes dizer o que é uma guerra, segundo os padrões terrestres. Mesmo quando lhes mostrei dois animais selvagens que lutavam (também os há em Marte), com grandes rugidos e dentadas, continuaram a não perceber. A todas as minhas tentativas de explicação por analogia só respondiam que animais são animais e marcianos são marcianos. Desisti. Foi a única vez que tive dúvidas a respeito da inteligência deles.

Ainda assim, o que mais me desorientou em Marte foi o não saber onde eram os campos e onde eram as cidades. Para um terrestre, digo-vos eu que é uma experiência muito desagradável. Acaba a gente por se habituar, mas leva o seu tempo. Por fim, já não me causava estranheza ver um grande hospital ou um grande museu ou uma grande universidade (os marcianos têm tudo isto, como nós) em lugares para mim inesperados. Ao princípio, quando eu pedia razões, a resposta era para mim sempre a mesma: o hospital, a universidade, o museu estava, ali porque eram ali precisos. Tantas vezes me deram esta resposta, que achei melhor aceitar com naturalidade, por exemplo, a existência de uma escola, com dez professores marcianos, num sítio onde só havia uma criança, também marciana, está claro. Não pude calar, em todo o caso, que me parecia desperdício dez professores para um aluno. Mas nem mesmo então fiquei a ganhar; responderam-me que cada professor ensinava uma matéria diferente, e portanto.

Em Marte gostaram muito de saber que há na Terra sete cores fundamentais de que se podem tirar milhares de tonalidades. Lá só há duas, branco e preto (com todas as graduações intermédias), e eles sempre suspeitaram que haveria mais. Garantiram-me que era a única coisa que lhes faltava para serem completamente felizes. E embora me tivessem feito jurar que não falaria do que por lá vi, desconfio bem que estarão dispostos a trocar todos os segredos de Marte pelo processo de obter um azul.

¹ Perjúrio: quebra de juramento; juramento falso; renúncia a crença.

35

Quando saí de Marte ninguém veio acompanhar-me à porta. Acho que no fundo não nos dão grande atenção. Vêem-nos de longe o planeta, mas estão muito ocupados com os seus próprios assuntos. Disseram-me que só começarão a pensar em viagens espaciais depois de conhecerem todas as cores. É estranho, não é? Por mim, nesta altura, estou hesitante. Posso levar-lhes um bocado de azul (nesga de céu ou toalha de mar), mas depois? Eles virão certamente por aí abaixo, e eu tenho a impressão de que não vão gostar.

José Saramago, 1997, *Deste Mundo e do Outro*, 4.ª edição, Caminho, pp. 215-217

Responda às seguintes questões:

1. [25 pontos] Releia as linhas 4 a 7 do primeiro parágrafo da crónica de Saramago. Indique, por palavras suas, **dois** motivos que levaram o autor a escrever este texto. Justifique a sua resposta.
2. [25 pontos] Refira por que motivo, apesar de saber que «os marcianos não têm ombros» (l.10), o autor quis destacar que nunca viu «um marciano encolher os ombros» (l. 9).
3. [25 pontos] O espanto do autor com a sociedade marciana contrasta com uma postura de alguma indiferença dos habitantes de Marte, apenas ligeiramente invertida quando lhes é dito que na Terra há «sete cores fundamentais» (l. 27). Por palavras suas, explique a afirmação anterior. Ilustre a sua resposta com passagens do texto.
4. [25 pontos] Com base na leitura integral que fez da crónica e no conhecimento que tem acerca da consciência social evidenciada nas obras de José Saramago, identifique o motivo que levou o cronista a quebrar a sua promessa. Justifique a sua resposta.

GRUPO II

Resuma, por palavras suas, a notícia a seguir transcrita, constituída por duzentas e cinquenta palavras, num texto de **oitenta e cinco** palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as seguintes observações:

1. Há uma tolerância de dez palavras relativamente ao total pretendido (setenta e cinco palavras como limite mínimo, noventa e cinco como limite máximo). Quanto ao desvio dos limites indicados, há que atender ao seguinte: um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até três pontos) do texto; um texto com extensão inferior a 35 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.
2. Para efeito de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: far-se-ia conta como uma só palavra).

O que tem Fernando Pessoa em comum com a Coca-Cola? Descubra o que liga a marca ao escritor

Marketeer, 5 mar de 2025

Fernando Pessoa e a Coca-Cola podem parecer mundos à parte, mas há um detalhe curioso que os une. Em 1927, o poeta português, na altura criativo na única agência de publicidade que então existia, a Hora, foi contratado para escrever um anúncio publicitário sobre a bebida.

Pessoa fê-lo de forma exímia, retendo em apenas quatro palavras a essência da Coca-Cola: “Primeiro estranha-se, depois entranha-se”. Mas, em vez de a promover, o slogan acabou por afastar a Coca-Cola do mercado português durante décadas.

O primeiro adversário da marca em Portugal foi mesmo a censura. Esta frase, que se transformou numa expressão bem portuguesa, causou estranheza ao diretor de Saúde de António de Oliveira Salazar, o

médico Ricardo Jorge. Para o médico, a bebida era uma espécie de droga, assumida desde logo no nome e na toxicidade que o slogan de Fernando Pessoa parecia evocar.

Foi então que a Coca-Cola foi proibida pela Justiça Portuguesa e pelo Estado Novo, entrando em Portugal apenas 50 anos depois, em 1977, já depois da revolução de Abril ter trazido a liberdade ao país como um valor absoluto.

Como revela o site da marca, foi “num café na Baixa de Lisboa que a 4 de julho de 1977 [se vendeu] a primeira Coca-Cola”. Nesse mesmo ano foi “emitido o primeiro anúncio da Coca-Cola em Portugal com o slogan ‘Coca-Cola, a Tal’”.

Em 1978 foi inaugurada a fábrica em Azeitão, Setúbal, onde atualmente “são produzidas cerca de 90% das bebidas que chegam diariamente a todo o país”.

Retirado com adaptações de <https://marketeer.sapo.pt/o-que-tem-fernando-pessoa-em-comum-com-a-coca-cola-descubra-o-que-liga-a-marca-ao-escritor/> [acedido a 08/04/2025]

GRUPO III

Responda a **uma**, e **apenas a uma**, das seguintes questões. Na folha de prova assinale a opção que escolheu.

OPÇÃO 1

Como escreveu Helena Carvalhão Buesco (2015), em «O Sentimento Dum Ocidental», de Cesário Verde, a «rua torna-se (...) o lugar manifesto da representação de uma sociedade em que as nítidas diferenças de classe são colocadas lado a lado» e em que, «sob a fachada de uma cidade [Lisboa] moderna e diurna» (pp. 25-26), se descobre uma outra oprimida e em decadência.

Apelando à sua experiência de leitura do poema referido, redija um texto expositivo-explicativo – lógico e coerente –, com um **mínimo de duzentas** e um **máximo de trezentas** palavras, no qual explore a oposição entre classes retratada no texto de Cesário Verde mencionado.

NOTA: Para efeito de contagem do número de palavras, aplica-se o estabelecido para o grupo II.

OPÇÃO 2

(Re)Leia com atenção o seguinte excerto do texto de Saramago apresentado no Grupo I:

«Não pude calar, em todo o caso, que me parecia desperdício dez professores para um aluno. Mas nem mesmo então fiquei a ganhar; responderam-me que cada professor ensinava uma matéria diferente» (ll. 24-25).

Redija um texto expositivo-argumentativo – lógico e coerente –, com um **mínimo de duzentas** e um **máximo de trezentas palavras**, no qual apresente a sua opinião acerca do que preocupa Saramago no segmento que acaba de ler.

NOTA: Para efeito de contagem do número de palavras, aplica-se o estabelecido para o grupo II.

Cotações

Grupo I: 100 pontos [10 valores]

Grupo II: 50 pontos [5 valores]

Grupo III: 50 pontos [5 valores]